
NAS TRILHAS DA COMUNIDADE GRILO: A HISTÓRIA ORAL E O ENCONTRO COM UMA EX-ES CRAVA CHAMADA BERNADINA

Elane Cristina do Amaral

Mestranda em História - UFCG

enale13@yahoo.com.br

Rosilene Dias Montenegro

Orientadora: Doutora em História - UNICAMP

rosilenedm@hotmail.com

Um dos objetivos deste artigo é refletir as marcas do passado quilombola que permaneceram nas memórias de velhos e velhas da comunidade “O Grilo”, neste sentido, analisaremos mais especificamente os relatos sobre uma ex-escrava que viveu na comunidade.

Sendo considerado como uma referência para os estudiosos que tratam com a memória, Maurice Halbwachs em sua obra, *Memória Coletiva*, vai nos colocar que a memória é sempre um produto social. Além disso, nossas lembranças, de algum modo, sempre estarão ligadas a outra(s) pessoa(s). De acordo com este autor:

“[...] Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, por que elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.”(2006, p.39)¹

Assim, a princípio partiremos a desbravar um campo específico de memórias na comunidade Grilo, neste sentido, este campo se refere às memórias dos mais idosos ou como diria Ecléa Bosi, trataremos sobre algumas memórias de velhos e velhas da comunidade, que de algum modo falam do passado sobre a escravidão

“Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansado, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da vida.”(2009, p.6°)ⁱⁱ

O velho, de modo geral, pensa mais no passado do que os jovens que se encontram centrados no presente e no futuro. Ele esta sempre comparando presente e passado, pois pela experiência de vida, pelo tempo vivido, é capaz muito bem de praticar tal comparação, além disso, eles têm o poder de tornarem presentes aqueles que se ausentaramⁱⁱⁱ. Assim, na velhice, acaba sendo conferido ao velho uma função: a de lembrar.^{iv}

Ao começarmos refletir sobre as memórias que informam sobre o passado de resistência, de escravidão, de remanescentes de quilombos, queremos apresentar ao leitor uma convidada muito especial, trata-se de Dona Dora.

A mesma desenvolveu uma série de funções sociais dentro da comunidade Grilo. Era uma rezadeira muito requisitada e muitos na comunidade têm uma história de cura a contar sobre as rezas realizadas por ela. Vivendo em lugar de difícil acesso, de pessoas com poucas posses e bastantes humildes, Dona Dora, exercia outra função de grande importância para o grupo, ela foi durante muito tempo a parteira da comunidade.

Mediante ao seu talento de narrar fomos expectadores ativos durante seus relatos, perguntávamos, riamos, nos emocionavam com a sua fala. Foi em uma de nossas conversas que conhecemos Bernada ou Bernadina como era mais comum chamar-lhe. Bernadina foi escava e sendo libertada após a lei áurea, ganhou o mundo a degustar, nem sempre doce, o gosto da liberdade. Por motivos que ainda desconhecemos, ela foi buscar abrigo, no lugar, onde hoje é comunidade Grilo. Então um dia, perguntamos a Dona Dora:

“- E C A: A senhora já ouviu falar de Bernadina?
- M D C T: Já, eu que falei dela
[...]
- E C A: Ela era cozinheira?
- M D C T: Era, “Eu era cunzinheira ai fazia hum”, gemendo assim, de velha sabe
- E C A: caducando já
- M D C T: È. Ai, cozinheira como Bernadina? “Era moía o milho, botava de molho”, o milho dibulhado, botava de molho, aquela taxona assim, pisar milho de molho no pilão? Era, era ela, duas nega, duas nega pra pisar, mixula, você não sabe o que é não né?”

- E C A: Não
- M D C T: Uma fica na bera do pilão, do pilão em pé, e ota fica do outro lado, ai uma bate a ota bate até, é pou, pou, pou, pou. (ela faz o gesto batendo uma mão fechada na outra aberta) Ela disse que era assim, quando pisava aquilo ali tanto assim de milho (faz o gesto para demonstrar o tanto do chão até certa altura), pisava bem pisado, ela tomava conta, penerava numa peneira, tirava a palha do milho com água pra fazer o xerém e massa tava pro outro lado, eles faziam aqueles taxo assim de angu (áudio não entendido)”^v

Diante da história narrada por Dona Dora, que a ex-escrava Bernadina lhes contou, podemos pensar um pouco sobre o cotidiano dos escravos ao que se refere ao meio rural e a sua vida doméstica, especialmente no tocante ao papel feminino em tal cenário. Neste grupo dentre as funções que Bernadina desempenhou, ela tinha uma função importante, que era a de ser cozinheira, ela era a responsável particularmente pela alimentação dos negros, tarefa que requeria determinada prática no cotidiano das negras durante o período da escravidão no Brasil, assim:

“[...] Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito: invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las; biscates sujeitos ao peso dos constrangimentos econômicos, inscritos na rede de determinações concretas.” (2008, p.217)^{vi}

Deste modo, quando Bernadina contava a mãe de Dona Dora, do seu trabalho onde fora escrava, de como o angu era preparado, podemos perceber nas memórias de Bernadina os modos de fazer de uma alimentação, na qual o improvisado e a criatividade eram agenciados com astúcias múltiplas nesse cotidiano. Nesse modo de fazer existia também toda uma ritualização, o debulhar o milho, colocar de molho, moer e o peneirar para depois fazer o angu. Além disso, com os gestos realizados por Bernadina e a outra escrava, cada uma de um lado do pilão em uma determinada seqüência temporal, podemos perceber sobre um modo de preparar a alimentação onde aí aparecem códigos, ritos e costumes, de modo a facilitar o cotidiano na prática desse trabalho, todavia o ritual aí é inegável.

“Cada hábito alimentar compõe um minúsculo cruzamento de histórias. No invisível cotidiano, sob o sistema silencioso e repetitivo das tarefas cotidianas feitas como que por hábito, o espírito alheio, numa série de operações executadas maquinalmente cujo encadeamento segue um esboço tradicional dissimulado sob máscara da evidência primeira, empilha-se de fato uma

montagem sutil de gestos, de ritos e de códigos, de ritmos e de opções, de hábitos herdados e de costumes repetidos” (2008, p.234)^{vii}

Estes gestos marcam um fazer, as escolhas, uma tradição no cotidiano em se preparar a alimentação. Quantos desses modos de fazer as refeições, não foram criados pelas negras do período da escravidão e quantos nós não copiamos, reproduzimos, não adaptamos em nosso cotidiano. A feijoada, o cuscuz, o angú, o uso da pimenta, entre tantas outras comidas que fazem hoje parte de nossas escolhas cotidianas. Dona Dora ainda acrescenta sobre a situação que Bernadina vivenciou quando ainda era escrava:

“[...] – eu sofri muito, meio mundo de gente devia tudo trabalhar, cortar mato, limpar mato - e ela cozinhando angu pra aquele mundo de gente, eles comiam angu com rapadura.

Nesta pequena fala de Bernadina reproduzida por Dona Dora mais uma vez nos fica claro um pouco do cotidiano do negro no âmbito rural. Cortar o mato, limpar eram algumas das funções dos que trabalhavam no campo. Ainda ao questionarmos um pouco sobre a vida de Bernadina após a liberdade, Dona Dora nos coloca:

- M D C T: “Eu sofri muito, a minha sorte e de todo mundo foi a princesa Isabel”, ai fazia hum (risos) Ai eu ficava assim
- E C A: Ai depois que ela foi liberta ela, ela não tinha onde morar?
- M D C T: Não, ela ficou assim pelo meio do mundo pedindo esmola
- E C A: Eu acho que ela saiu da casa que ela tava e foi ganhar o meio do mundo né
- M D C T: Devia ser né, da senzala. Era longe, quem sabe lá onde é, eu não sei onde é não eu sei que não era por aqui não, que por aqui não tem escravo, por que o meu avó no contava de escravidão daqui, por aqui, era longe.

Ao pensarmos esta memória de Dona Dora podemos perceber em primeiro lugar que muitos negros sabiam exatamente quem os deu a liberdade, isso permite agente refletir que eles não ficaram tão alheios ao processo da abolição. O trecho acima citado também nos leva a pensar, na situação em que muitos negros logo após a abolição foram entregues. O que aconteceu com Bernadina? Não sabemos ao certo de onde ela veio, a qual senhor pertenceu, mas sabemos que seu destino, mesmo depois de velha, foi o de peregrinar pelo mundo a pedir esmola, talvez por isso tenha ido parar na comunidade Grilo. É justamente por não terem recebido um lugar como cidadãos na

sociedade brasileira, que o negro precisou durante e depois da escravidão, reinventar seu cotidiano de várias formas. Neste sentido, Michel de Certeau nos afirma que:

“[...] Ao contrário, pelo fato do seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vô” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não guarda. Tem que constantemente que jogar com os acontecimento para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhes são estranhas.”(1994, pags. 46-47)^{viii}

Deste modo, muitos escravos e ex-escravos buscaram inventar seu cotidiano de modo a tirar proveito das situações, as estratégias pensadas pelos senhores proprietários foram repensadas por parte das astúcias empregadas por eles no seu cotidiano, os quais se aparentando fracos mostraram sua força e sua coragem.

E por falar em força, coragem, astúcia permita-me o leitor lhes apresentar mais uma depoente Dona MJC. Negra dos olhos miudinhos azuis-esverdeados. 88 anos de idade, porque de aparência se mostra muito mais jovem. Pequena na altura, mas grande no coração, nos recebe sempre com um sorriso acolhedor. Com lenço preso na cabeça, de saia, camisa de algodão e com um chinelo a arrastar, é quase sempre nesses trajes que ela vem nos encontrar. Agora que o leitor já conhece um pouco de Dona MJC entremos, pois, na casa dela e comecemos nossa conversa.

- E C A: Quando ela era escrava ela trabalhava em que?

- M J C: Em que?

- E C A: Bernadina. No tempo do cativo ela trabalhava em que quando ela era escrava?

- M J C: Ela trabalhava na inchada, é na inchada no Coité lá no roçado grande ali como quem vai pro Mororo (áudio não entendido) ela vivia uma vida muito triste era, não tinha nada na vida não, aplantava umas macaxeiras (áudio não compreendido) não tinha nada pra se comer naquele tempo não.^{ix}

Aqui nos deparamos com outra função que Bernadina exercia no lugar em que vivia, ela também trabalhava na agricultura e plantava macaxeira. A lembrança de Dona MJC sobre em que Bernadina trabalhava, não nega a de Dona Dora, mas adiciona, é possível que além de cozinheira ela também trabalhasse no campo, já que a mão-de-obra escrava podia ser explorada de varias formas, assim o proprietário desejasse. Neste sentido Emília Viotti nos afirma que:

“A solução parecia clara e única: utilizar o escravo. Este ia para onde seu senhor quisesse, ocupava-se das atividades que lhe fossem atribuídas, morava

onde o senhor mandasse, comia o que ele lhe desse, e o que era mais importante: oferecia uma continuidade, uma permanência, que não era de esperar de um trabalhador livre, que a qualquer momento poderia abandonar a fazenda e deixar uma safra para colher.” (1998, p.71)^x

Deste modo, podemos perceber que o escravo era uma mão-de-obra flexível para seu proprietário, caberia ao escravo se adaptar aos trabalhos encarregados pelo seu senhor. O que ainda podemos refletir entre as memórias de Dona Dora e Dona MJC é que ambas se recordam de um passado em comum: a presença e as histórias contadas por Bernadina no Grilo. Estas lembranças em comum de ambas narradoras enfatizam aquilo que Maurice Halbwaches chamou de base comum ou noções em comum^{xi}, sem as quais não poderíamos pensar ou falar em uma memória coletiva dentro do Grilo.

Assim que imagem Dona MJC guardou da Bernadina que conheceu? Buscando os retalhos de nossas conversas podemos arriscar construir em remendas, um pouco dos traços e perfil de Bernadina.

M J C: A nega nã passava nessa porta, eu tinha medo dela de morrer minha nossa senhora, sei lá, minha fia era uma negona que não passava nessa porta, do tempo do cativero ela, e ela contava aquelas coisas, (áudio não compreendido) chegava na casa de mãe, ela gostava de ir lá pra casa de mais,[...], ela tinha um tuco, tuco, ela tinha um hábito fei minha fia que só você vendo

A lembrança que Dona MJC guardou de Bernadina diz respeito principalmente a uma negra bastante alta e que já não conseguia pronunciar as palavras direito talvez pela idade avançada, por conta da velhice, pois não sabemos ao certo a idade de Bernadina, mas pelas entrevistas realizadas tanto com Dona Dora quanto com Dona MJC o que chamava atenção também naquela época era que Bernadina já tinha 100 anos. Deste modo, ela foi muitas vezes, alvo de brincadeiras e zombarias, por parte dos mais jovens:

M D C T: Mas minha fia, naquela época ela já era tão velha

E C A: No é eu fico bestinha, ela tinha 100 anos já?

M D C T: Oxen, ou mais?! Eu já to com 81 ano, eu já to com 81 ano e eu era assim uma garota de uns dez anos na época que eu conheci ela, então ela era muito antiga no é. Ela foi escrava.

Mas não era apenas pelos hábitos estranhos de falar ou de interromper a fala, que marcaram a imagem construída sobre Bernadina para Dona MJC, o modo de se vestir também ficou em suas memórias. Assim, ela nos conta:

M J C: Ela contava, por que eu sofri minha fia, eu sofri, ela contava muita coisa, muita coisa mesmo da vida dela, do tempo do cativo, de ter dia de não ter o que botar no fogo pra comer, ela disse que tinha tempo da roupa dela ser um saco de estopa, sabe o que é estopa?

A C C: Sei

M J C: Apoi, ela costurava assim, furava o saco assim, e vestia e amarrava uma tira, uma tira por aqui^{xii}

Ora neste instante de sua descrição podemos perceber que em seus trajes, por não ter condições financeiras e já não ter condições de trabalhar, Bernadina busca no improvisado em seu cotidiano, algo que lhe sirva como roupa, nada muito costurado ou bem planejado. Mas para além dos trajes Dona MJC nos coloca o seguinte:

E C A: Dona Dora disse a mim que, eu acho que era dona Bernadina que andava com um facão...

M J C: Bernadina é era ela mermo

E C A: Ela andava com um facão por que em?

M J C: por que era a arma dela né, alguma coisa que acontecesse por lado dela ela cortava no facão, era quase como uma cangacera, ela era quase como uma cangacera.

Assim, não só os trajes de Bernadina eram inventados a partir de sacos de estopas, mas o facão, objeto de uso cotidiano para aqueles que trabalham na zona rural, torna-se então sua arma caso alguém venha afrontar-lhe, Certeau nos ajuda a refletir sobre esse cotidiano de Bernadina enxergando nesse panorama um cotidiano apesar de todos os problemas, sendo vivido com muita criatividade, assim “[...] Essas práticas colocam em jogo um ratio “popular”, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar.”^{xiii}

Mas de onde veio Bernadina? Qual foi o seu possível desfecho enquanto sobrevivente da escravidão? Embora nosso trabalho não tenha como meta trazer a tona respostas prontas e acabadas, Dona MJC nos coloca que:

M J C: Ninguém sabe de onde ela veio né. Agora ninguém sabe de onde ela veio, onde era a família dela, ela disse isso a mãe, mas eu não entendi não, ela veio por esse mundo, eu sei lá andando por aí a fora, até que chegou aí no Cuité e arranhou alguma coisinha aí. Ela ficou ajudando fazendo as coisas ne, eles dava as coisas pra ela, mas ela era cativa, era cativa, dava roupa pra ela vestir, ela chegava la em casa e dizia ta vendo o que me deram, ela dizia o nome da pessoa que deu dizia aquela criatura de Jesus deu um vestidinho pra mim

Embora a origem de Bernadina não seja um interesse primordial de nossa pesquisa, não podemos deixar de frisar que por outro lado questionar essa origem é pensar também em outras problemáticas interessantes, como por exemplo, sabermos quem foi seu proprietário. No entanto, mesmo sem sabermos de onde ela veio ou quem era seu dono, uma inquietação nos toca, pois segundo Dona Dora:

E C A: Ela foi escrava mesmo?

M D C T: È ela foi escrava, então ela andava assim, pelas casas, pedindo as coisas, sabe como é né? Já tava velha, não podia trabalhar mais, e o povo dava

E C A: Ficou algum parentesco, alguma pessoa que é família dela aqui

M D C T: Tinha Mané Graciliano velho, era família dela, não era escravo, era primo parece, parece que ela era tia de Mané Graciliano velho. Ai ela conversava mais mãe, mãe perguntando a ela como era o escravo, ela contava “Eu era cunzineira”

Assim, não seria apenas por se tratar de um lugar onde só tinha negros, que Bernadina escolheu “parar” na região onde hoje é o Grilo. A existência de parentesco seu no Grilo pode ter colaborado para que pudessem a vir a conhecer aquelas terras. A esse respeito, Dona MJC ainda nos colocou que:

M J C: Os moradores daqui?

A C C: As primeiras pessoas que começaram a morar aqui, como foi que começou, se as primeiras casas foram aqui embaixo ou lá em cima?

M J C: Primeiro foi ali em cima com meu avó, meu bisavó, todo mundo era por lá, acula, naqueles buracos, por dentro daquelas grotas de pedras (risos) E o meu avó da parte de mãe morava ali pelas aquelas pedreiras de lá e o meu avó da parte do meu pai morava em cima daquela cerinha ali, meu avó era Manoel Graciliano dos Santos e Candido Tenório

Desta forma, podemos pensar que provavelmente o fato de haver laços familiares de Bernadina onde hoje é a comunidade Grilo, essas memórias dizem respeito à ex-escrava que estivera intimamente ligados a comunidade, tendo em vista que tinha parentesco seu lá. De acordo com Certeau:

“[...] Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio” [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.” (1994, p.201)^{xiv}

Deste modo, para Certeau um o lugar é fechado em si, determinado por um próprio, ele é estável porque não vai variar, sempre ira corresponder a mesma coisa e desempenhara a mesma função. O lugar esta para o fixo, para aquilo que foi determinado ser. Já o espaço para Certeau se configura dentro de uma outra relação, de uma outra perspectiva:

“[...] O espaço é um cruzamento de móveis. È de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidade contratuais. [...] Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. [...] Em suma, o espaço é um lugar praticado” (1994. p.202)^{xv}

Podemos então pensar de acordo com o exposto por Certeau, que o espaço é praticado, colorido pela arte do cotidiano exercido pela ação dos sujeitos históricos. Por não ser fechado em um próprio, o espaço é conseqüência das ações exercidas pelos seus usuários, desta forma, são os usos, as práticas cotidianas pelos sujeitos que vão proporcionar com que o espaço funcione mediante as necessidades dos pedestres. È neste contexto que o lugar Grilo transforma-se em espaço, no momento em que o grupo ali presente lutou pelo reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo.

Mas ao que parece para além do espaço Grilo, Bernadina buscou outro espaço. Terra de preto é claro. Dona MLTC 65 anos filha de Dona Dora, acostumada sempre a ouvir as histórias que Dona Dora contava e nos contava sobre Bernadina ao recordar os relatos da mãe nos coloca que:

M L T C: Ela contava que sofria muito, apanhava, judiava, eles fugiram por esse mundo, fugiram da casa dos senhores, ela e esse irmão dela agora a família dela disse que ela não sabe, ficou calada segundo morreu né, ela veio simbora, tomou rumo né, mãe disse que ela tomou rumo de morar né, e morreu ai, morreu ali, Bernadina morreu ali em Pedra d`água

E C A: Ela andava por aqui e foi morrer em Pedra d`água

M L T C: Foi em Pedra D`Água, lá fizeram uma casinha, fizeram um ranchinho e ficou morando lá mais [...]^{xvi}

Assim, depois de muito lutar na vida, trabalhando sobrevivendo e vivendo antes e depois da escravidão, esse é um dos possíveis desfecho que Dona MLTC nos da trajetória de Bernadina. Mas não é simplesmente pelo fato de fazerem parte de uma comunidade negra e de terem parentesco com os afro-descendentes, que os tornam

detentores de uma identidade como remanescentes de quilombos. Mas são essas memórias que eles têm em comum, que nos informam sobre esse passado escravista, é um dos fatores que sustentam a sua identidade como remanescentes de quilombolas.

NOTAS

ⁱ HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ⁱⁱ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 15ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ⁱⁱⁱ Idem p.74

^{iv} Idem p.63.

^v Entrevista realizada em 18 de setembro de 2008.

^{vi} CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 7 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

^{vii} Idem p.234

^{viii} CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. 12ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pags. 46-47

^{ix} Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2010.

^{xx} COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4ª Ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.71

^{xi} HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p.39

^{xii} Entrevista realizada em equipe com Amanda Carla Cabral.

^{xiii} CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. 12ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pag.42.

^{xiv} CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. 12ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pag. 201.

^{xv} Idem p.202

^{xvi} Entrevista realizada em 24 de abril de 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 15ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano 1: Artes de fazer**. 12ª edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 7 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 4ª Ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.